

Maria 1.0 lamenta saída de Kötter da igreja Católica, mas espera que Maria 2.0 mostre agora mais contenção nos debates internos da igreja.

Hoje, quinta-feira (15 de Julho de 2021), Elisabeth (Lisa) Kötter, da diocese de Münster, deixa a igreja. Para a iniciativa "Maria 1.0", isto é lamentável - tal como qualquer outra saída da igreja - mas ao mesmo tempo também exige uma declaração clara: Lisa Kötter é co-iniciadora do movimento de protesto "Maria 2.0" cometeu um erro.

Lisa Kötter procura as luzes da ribalta para contar ao público sobre a sua saída da igreja. Numa entrevista com "katholisch.de", o website oficial da Igreja Católica na Alemanha, a Sra. Kötter explica as cerca de 220.000 pessoas que deixam a Igreja em 2020 dizendo que "as pessoas apenas votam com os pés no que está a acontecer na Igreja neste momento. Enquanto a Igreja na Alemanha, ou a Igreja Católica Romana em geral, não mostrar o cartão vermelho a tudo o que é excludente, isto continuará". Com isto, a Sra. Kötter deixa mais uma vez claros os défices teológicos do seu movimento de protesto Maria 2.0.

Ela é corrigida por Clara Steinbrecher, porta-voz da iniciativa Maria 1.0: "Quem assume que os mesmos mecanismos sociológicos entram em vigor na Santa Igreja como numa associação ou partido feito pelo homem, não compreendeu a essência da Igreja". Não são as decisões maioritárias ou o sentimento popular inconstante, mas verdades eternas que são vinculativas para a igreja, continua o Steinbrecher de 23 anos. Ela acrescenta que Kötter está enganada se assumir que a Igreja tem de se alinhar com supostas maiorias. "Apenas Jesus Cristo dirige a Igreja em termos de conteúdo. Aqui na terra, ele nomeou Simão Pedro e os seus sucessores como seus representantes. O Papa Francisco é o atual representante de Jesus e, por conseguinte, a única autoridade autorizada sobre o conteúdo no momento", sublinha o estudante de Eichstätt.

By Ao deixar a igreja, a Sra. Kötter excluiu a si própria dos sacramentos. Quando perguntada por "katholisch.de" se ela continuaria a receber o sacramento da comunhão, ela disse que o faria. Kötter não descartou esta possibilidade. Do ponto de vista de Maria 1.0, esta é mais uma prova de que os principais chefes de Maria 2.0 carecem de compreensão sacramental. "É

preciso ter pena de pessoas como Lisa Kötter. Certamente nunca lhes foi devidamente ensinado o mistério da fé", assume Steinbrecher. Mas para toda a sua compaixão pelas pessoas que se excluem da comunhão da Igreja Católica Romana, ou seja, do corpo de Cristo, é claro para Clara Steinbrecher: "Ao fazê-lo, também te desqualificaste para qualquer discurso da igreja interior". Maria 2.0 deve distanciar-se do seu co-iniciador e submeter a compreensão dos sacramentos nas suas próprias fileiras a uma revisão séria. "Como se pode discutir seriamente ao nível dos olhos se os elementos centrais da doutrina da fé são simplesmente ignorados?" as mulheres do movimento Maria 1.0 interrogam-se em relação ao movimento de protesto de Kötter, que também quer debater o núcleo da fé da Igreja na "Via Sinodal".

Johanna Stöhr, uma professora de Schongau, lançou o movimento Maria 1.0 em maio de 2019 como reação ao movimento Maria 2.0, que tinha evoluído de Münster para um protesto a nível nacional contra a autoridade pedagógica válida da Igreja Católica e pelo acesso das mulheres ao ministério ordenado. Stöhr acredita que "Maria não precisa de uma atualização". Ela quer mostrar "que também há mulheres que são fiéis aos ensinamentos da Igreja". Clara Steinbrecher, estudante de matemática e psicologia escolar, é a chefe da iniciativa desde 1 de maio de 2021. Ela já fazia parte da equipa Maria 1.0 há algum tempo.